

O papel de Plauto nas concepções de Richard Blackmore sobre o baço

Vera Cecília Machline*

Resumo

O objetivo deste artigo é deixar claro o papel do autor de comédias Plauto nas concepções sobre o baço sustentadas pelo homem de letras e médico seis e setecentista Richard Blackmore em seu “Um Ensaio sobre o Baço”. Para melhor aquilatar-se a importância do comediógrafo latino em meio a outros pensadores clássicos mencionados por Blackmore, a princípio serão revistas aqui algumas das várias funções antigamente atribuídas a essa víscera. Em seguida, após brevemente considerar o impacto nas ideias sobre o baço ocasionado pela descoberta da circulação sanguínea, caberá contemplar o objetivo deste artigo.

Palavras-chave

História da Ciência, História Natural, Baço, Richard Blackmore, Plauto

The role of Plauto in Richard Blackmore’s conceptions about the spleen

Abstract

The aim of the present article is to make clear the role of the Latin writer of comedies Plautus in the conceptions about the spleen upheld by the seventeenth and eighteenth-century man of letters and physician Richard Blackmore in his “An Essay upon the Spleen”. To better appraise the comedist’s relevance among other Classical thinkers, first some of the various functions formerly attributed to this organ will be reviewed. Next, after briefly considering the impact on the ideas about the spleen occasioned by the discovery of the circulation of the blood, the aim of this article shall be contemplated.

Keywords

History of Science; Natural History; Spleen; Richard Blackmore; Plautus

* História da Ciência e da Medicina; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. E-mail: vmach@pucsp.br. Este artigo integra a pesquisa individual “Economia animal nos séculos XVII e XVIII”, vinculada ao Projeto Temático coordenado pela Dra. Ana Maria Alfonso-Goldfarb “Revelando os Processos Naturais através do laboratório (Fase II): A busca por Princípios Materiais nos Três Reinos até a especialização das ciências no Oitocentos” (Processo n. 2011/14040-9, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP). Outrossim, a autora agradece à Wellcome Library, cujo rico acervo muito contribuiu na composição deste texto, que é dedicado ao insigne historiador da medicina Walter Pagel (1898-1983).

Nas palavras de Leon Morgenstern, “historicamente, mais funções foram atribuídas ao baço do que a qualquer outro órgão parenquimático” (entenda-se: visceral). Adicionalmente, segundo o mesmo estudioso, nenhum outro tem a mesma “rica e pitoresca história de extirpação parcial ou total” do que o baço.¹ Já na estimativa de Andy Petroianu, desde “a Antiguidade, o baço vem fascinando pelos mistérios envolvidos em sua existência”, sendo que “até hoje [...] é o órgão sobre o qual menos se sabe”. Por outro lado, “mesmo sem [...] recursos maiores do que os da [...] observação,” pensadores de outrora “descreveram o baço muito corretamente, tanto sob [o] aspecto morfológico quanto [o] funcional.”²

Petroianu lembra que – por exemplo – na antiga medicina chinesa, “o baço é um dos quatro órgãos do corpo [...] relacionado com a defesa do organismo, o fornecimento de energia para os outros órgãos e a digestão.” De fato, “o baço desempenha todas essas funções, pois perfazendo 25 a 30% do sistema mononuclear fagocitário, ele é o maior responsável pela remoção de antígenos da circulação.” Essa víscera também “produz linfócitos, todas as imunoglobulinas, além de diversos peptídeos importantes na defesa imunitária do organismo.” A “energia” mencionada pelos chineses antigos talvez diga respeito às “hemácias que o baço libera na circulação de muitos mamíferos em situações que requeiram um sobre-esforço sistêmico”. Por fim, quanto ao “papel do baço na digestão,” haveria “dois aspectos a serem considerados.” Em primeiro lugar, “o baço é precursor de grande parte das funções hepatocitárias, como a formação de bilirrubinas e faz parte dos ciclos formadores de peptídeos e lipídios”. O segundo aspecto “é a digestão microscópica, que é exercida pelos macrófagos esplênicos” (i.e., residentes no baço).³

Ainda segundo Petroianu, ao longo dos séculos, “foram atribuídas muitas funções ao baço”. Entre outras, o estudioso menciona: “fonte do riso, da alegria e do regozijo; [...] órgão responsável pelo ataque de raiva, pela malícia e pelo mau temperamento; [...] víscera que abriga o orgulho, a coragem e o ímpeto”. Ademais, além de “armazenador da maldade latente e do despeito”, o baço foi igualmente reputado “depurador do sangue” ou mesmo “produtor do sangue”.⁴

¹ Leon Morgenstern, “A History of Splenectomy,” in *Surgical Diseases of the Spleen*, ed. J. R. Hiatt, E. H. Phillips, & L. Morgenstern (Berlin: Springer-Verlag, 1997), 3-18, em 3. A propósito, salvo indicação em contrário, as traduções para o português presentes aqui são da autora.

² Andy Petroianu, “Aspectos Históricos do Baço e da Cirurgia Esplênica,” in *O Baço*, ed. Andy Petroianu (São Paulo: CLR Balieiro, 2003), 3-15, em 3.

³ Ibid, Petroianu explica que “a origem de σπλην (*splén*), baço em grego, “pode ser a palavra sânscrita *plihan* (ou *plihaa*), se não o termo *απλαγχουον* (*splanchon*), que significa viscoso, sem brilho, [e] víscera”. Com a “retirada das letras ‘sp’ de *splén*, forma-se a palavra *lien*, nome dado ao baço pelos romanos”, vide Ibid, 4. Para informações adicionais sobre as funções atualmente atribuídas ao baço, vide Marco A. Zago, “Funções do Baço e sua Avaliação,” in *O Baço*, ed. Andy Petroianu (São Paulo: CLR Balieiro, 2003), 37-43. Mais recentemente, um papel adicional atribuído ao baço foi proposto no artigo de Giovanni Tarantino et al., “Spleen: A New Role for an Old Player?,” *World Journal of Gastroenterology* 17, nº 33 (set. 2011): 3776-84.

⁴ Petroianu, 4.

É longeva a ideia de o baço sediar o riso – hoje immortalizada na locução francesa *dilater la rate*, que quer dizer “fazer rir”. O mesmo se aplica ao dizer, agora fora de uso, *désopiler la rate*, que significa “rir” e, portanto, não corresponde exatamente à expressão idiomática “desopilar o fígado”, ou seja, aliviar tristezas ou preocupações, ou simplesmente alegrar(-se). Até notícia em contrário, a primeira menção conhecida a respeito remonta ao poeta romano Pérsio (34-62), que sustenta no verso 12 de uma de suas *Sátiras* gargalhar (em vez de lamentar a fatuidade de seus colegas de ofício), por conta da natureza insolente de seu baço.⁵

Entretanto, é factível que essa concepção latina tenha origens judaicas, talvez recuando a séculos antes da Era Comum (a.E.C.). Isto afigura-se possível uma vez que, conforme apurado por Fred Rosner, o Talmude Babilônico (que data do século II ao VI) e textos pós-talmúdicos afirmam ser o baço a víscera responsável pelo riso.⁶ Este é o caso da seguinte passagem no *Midrash (Ecclesiastes Rabbah 7:19)*:

“os dez órgãos que assistem à alma são: o esôfago para a passagem da comida, a traqueia para a voz, o fígado para a ira, a vesícula biliar para a inveja, os pulmões para absorver líquidos, o estômago para moer comida, o baço para o riso, os rins para aconselhar, o coração para fornecer compreensão e a língua para decidir”.⁷

Outro trecho de interesse consta no *Livro de Kuzari* (Parte 4, Seção 25), de Judah Halevi (1086-1145). Segundo este, o baço seria “chamado de ridente porque é sua natureza limpar ambos o sangue e o espírito de matéria impura e obscurante”⁸. Quando os dois estão puros, alegria e riso vêm à tona. Uma terceira função atribuída ao baço é mencionada no Talmude babilônico, desta feita no *Tratado Avoth DeRabbi Nathan* (31:3). Num excerto deste escrito, entre demais analogias, o “estômago é comparado a moendas, o baço a trituradores, [e] o ventre a latas de lixo”.⁹

Diferentemente de Pérsio, o compilador Plínio o Velho (23-79), no Livro XI (§198) de seus relatos sobre história natural, afiança que a membrana denominada *praecordia* (que em princípio significa diafragma), além de agente da “subtilidade do intelecto”, é “a sede principal da hilaridade”. O último predicado seria “um fato que se conclui especialmente fazendo-se cócegas nas axilas”. Conforme Plínio, isto acontece porque, dado a pele humana ser mais fina nas axilas, é justamente aí onde o prazer de

⁵ Pérsio, “Sátira I”, in *Sátiras*, intr., trad. e notas Germán Viveros (Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1987), 2. Nesta tradução, a frase em latim “*sed sum petulanti splene – cachinno*” foi vertida para “soy de insolente bazo – me cacajeo”.

⁶ Fred Rosner, “The Spleen in the Talmud and Other Early Jewish Writings,” *Bulletin of the History of Medicine* 46, nº 1 (jan. 1972): 8285, em 82-3. Rosner inicia seu artigo informando inexistir menção ao baço na Bíblia Hebraica (ou Antigo Testamento para a Cristandade, que reúne textos redigidos entre o século VI a.E.C. e o século II da E.C.).

⁷ Apud *Ibid*, 83.

⁸ Apud *Ibid*.

⁹ Apud *Ibid*, 84.

çoçar se faz sentir mais prontamente. Plínio também participa haver “casos, em batalhas e em exibições gladiatórias, de morte causada por perfuração do diafragma acompanhada de riso”.¹⁰

Logo mais, no mesmo Livro XI (§204-205), ao tratar do baço, Plínio volta a referir-se ao riso. De saída, informa que este órgão se situa à esquerda e, portanto, no lado oposto ao fígado. Inexistente em alguns animais, o baço às vezes “causa um impedimento peculiar quando se está correndo”. Por isso, corredores com este problema submetem-se a uma cirurgia para reduzi-lo. Plínio também menciona relatos de animais que continuaram a viver depois que o baço foi removido mediante uma incisão. A seguir, conta haver alguns autores supondo “que esta cirurgia priva um homem da capacidade de rir e que a inabilidade de se controlar o riso é causada pelo aumento do baço”. Por fim, comenta dizer-se que remédios para o baço provêm de uma região da Ásia denominada Scepcis, onde o gado teria um baço extremamente pequeno. Entretanto, Plínio não esclarece se esse tratamento seria para reduzir megalosplenia (ou esplenomegalia, i.e., aumento anormal do volume do baço).¹¹

À semelhança de outros especialistas na história da esplenectomia (ou seja, retirada cirúrgica do baço), Morgenstern reputa a notícia de Plínio sobre esse assunto um “mito”. Para substanciar seu parecer, o estudioso afirma existirem histórias em “referências apócrifas na literatura antiga de remoção do baço em corredores de maratonas e em cavalos para aumentar a velocidade deles”.¹² Por exemplo, no início do Primeiro Livro dos Reis (I: 1-5), conta-se que Adonias tentou usurpar o trono do rei Davi, já com idade avançada. Para tanto, Adonias providenciou “para si carro e cavalos, além de cinquenta guardas que corriam diante dele”.¹³ Morgenstern explica que a “interpretação talmúdica (Tratado *Sanhedrin* 2.6) dessa passagem incluía o fato extraordinário de que “todos [...] [os corredores] tinham tido seus baços removidos.”¹⁴

Morgenstern também informa que o comentador bíblico e talmúdico Rashi (1040-1105) sugerira que tal excisão se devia à “sensação de peso conferida pelo baço, cuja remoção ajudava a aumentar a velocidade de corrida”. Aliás, novamente consoante Morgenstern, por causa dessa crença, a girafa, notória por sua velocidade ao correr, por muito tempo foi erroneamente tida como destituída de baço. Visando pôr à prova essas antigas suposições, em 1922, na Johns Hopkins University, D. I. Macht e E. M. Finesilver cronometraram ratos esplenectomizados e com o baço intacto, treinados a

¹⁰ Plínio, *Natural History* (Cambridge [MA]: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1983-1991) III: 556-7.

¹¹ *Ibid.* 560-1.

¹² Morgenstern, 4. No capítulo intitulado “The Surgery of the Spleen,” in *The Spleen and Some of Its Diseases*, (Bristol: John Wright and Sons; London: Simpkin, Marshall, Hamilton, Kent & Co., 1921), 4-16, Berkeley Moynihan cita Plínio, mas não entra no mérito da veracidade das esplenectomias noticiadas pelo polígrafo. Da mesma forma procede Digby Chamberlain, “The Spleen and its removal,” *Annals of the Royal College of Surgeons of England* 30, n° 1 (jan. 1962): 1-22.

¹³ *A Bíblia de Jerusalém*, dir. editorial Tiago Giraldo (São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional; Paulus, 1995), 506.

¹⁴ Morgenstern, 4.

correrem numa corda de algodão. E, quem diria, os vencedores foram os ratos cujos baços tinham sido removidos.¹⁵

Igualmente ciente do comentário de Rashi (ou Rabi Shlomo ben Yitzchak) mencionado por Morgestern, Rosner é menos cético: ele estima que a cirurgia sugerida por Rashi teria como fim aliviar a esplenomegalia decorrente de “malária crônica, endêmica no Oriente Médio no tempo do Talmude”. Outra causa provável seria a esquistossomose mansônica, que conforme Petroianu, também era endêmica no mesmo espaço-tempo.¹⁶

Voltando momentaneamente a Plínio, este é o primeiro a reconhecer mais de uma vez em suas histórias naturais que muitos dados sobre o reino animal reunidos em sua poligrafia provêm dos tratados “biológicos” integrando o *corpus aristotelicum* – hoje em sua maioria atribuído ao círculo peripatético formado em torno do Liceu fundado por Aristóteles (384-322 a.E.C.). Nas duas instâncias vistas acima, a fonte parece ser o tratado “Sobre as partes dos animais”. Porém, posto haver discrepâncias entre a visão aristotélica e a pliniana com respeito ao baço e ao diafragma, vale a pena parafrasear em seguida passagens aqui relevantes do tratado mencionado acima.¹⁷

Em *Sobre as Partes dos Animais* (672^b 32-34 e 673^a 2-12), tem-se que, ao contrário do geralmente suposto, o diafragma não participa dos processos de pensar e sentir; mas, por estar próximo de órgãos integrando o processo de pensar, gera mudanças no intelecto. O fenômeno do riso demonstra de maneira exemplar como o aquecimento do diafragma rapidamente afeta a sensação. Quando se faz cócegas nos entes humanos, estes logo começam a rir porque a comoção resultante prontamente atinge o diafragma. Mesmo um leve aquecimento do diafragma é suficiente para perturbar a ação mental, a ponto de ocasionar movimentos independentes da vontade. Que somente o homem é afetado por cócegas se deve primeiramente à delicadeza de sua pele e, em segundo lugar, ao fato de ele ser o único animal que ri. Em suma, cócegas provocam o riso, que é gerado por uma comoção na região das axilas. Já homens em batalhas feridos perto do diafragma aparentariam rir por causa do calor produzido pelo ferimento.¹⁸

Em outro trecho do mesmo tratado (669^b 35-679^a 9 e 679^a 26-33), consta que a posição do fígado no lado direito do corpo é a causa principal da formação do baço. Por isso, a existência do baço em princípio seria uma questão de necessidade em todos

¹⁵ Ibid, 4; 14. Conforme Rosner, a passagem no Tratado *Sanhedrin* seria a 21b. Antes de Morgenstern, Moynihan, 5, já relatara a antiga suposição de a girafa não ter baço.

¹⁶ Rosner, 84; e Petroianu, 3 - 4. No artigo “The Helmontian George Thomson and William Harvey: The Revival and Application of Splenectomy to Physiological Research,” *Medical History* 15, nº 2 (abr. 1971): 154-67, Charles Webster julga ser “possível” que a remoção do baço fosse “realizada em várias culturas no leste do Mediterrâneo na era pré-cristã”. Webster também nota que Célio Aureliano (fl. século V), latino que se provou crucial para a preservação das ideias médicas do grego Sorano de Éfeso (fl. início do século II), manifestou dúvidas sobre o bom sucesso de esplenectomias em seres humanos.

¹⁷ Para detalhes adicionais sobre a influência dos tratados aristotélicos na “zoologia” de Plínio, vide Liliane Bodson, “Aspects of Pliny’s Zoology,” in *Science in the Early Roman Empire: Pliny the Elder, His Sources and Influence*, ed. Roger French, & Frank Greenaway (London: Croom Helm, 1986), 98-110.

¹⁸ Aristotle, “On the Parts of Animals”, in *The Works of Aristotle*, ed. W. David Ross, trad. William Ogle (Chicago: Encyclopædia Britannica, 1978), II: 161-229.

os animais. Porém, não é o que realmente se verifica. A rigor, as vísceras são bilaterais porque existem dois lados no corpo. Assim como cada um dos lados almeja a similaridade, suas vísceras aspiram ao mesmo desígnio. Apesar de duais, os lados constituem uma unidade. Do mesmo modo, as vísceras, embora tendam a ser bilaterais, compõem um só conjunto. Posto que as vísceras situadas abaixo do diafragma existem devido aos vasos sanguíneos, todos os animais com sangue necessitam do coração e do fígado; e, nos que respiram, eles também precisam de pulmão. Já o baço nem sempre se faz presente. Nos animais dotados de baço, este existe por necessidade, no mesmo sentido que as excreções do abdômen e do rim fazem-se necessariamente concomitantes.¹⁹

Portanto, na visão aristotélica, é o diafragma (e não o baço) que sedia o riso. Ademais, diferentemente do sustentado por Plínio, a perfuração do diafragma provoca um esgar no rosto similar ao riso. Outrossim, não há menção à esplenectomia – embora, a despeito do princípio da bilateralidade das vísceras, o baço seja considerado prescindível inclusive em animais sanguíneos.

É possível que Plínio repute ser o diafragma “a sede principal da hilaridade” por considerar o vocábulo grego *phrenes* equivalente ao termo latino *praecordia*. Ocorre que, segundo Richard Onians, *phrenes* designa diafragma desde a *Ilíada* homérica, enquanto *praecordia* parece referir-se aos pulmões, antes de Plínio e às vezes até para seu contemporâneo Celso (*fl.* século I). E, juntamente com o coração e o fígado, os pulmões eram reputados pelos romanos órgãos da consciência.²⁰

No *Liber medicinalis* – um compêndio redigido em hexâmetros, com prescrições para diversos problemas de saúde – Quinto Sereno Sammonico (?-c. 211) dedica 30 versos (§401-430) à cura de problemas com o baço, que nessa obra praticamente se resumem à megalosplenía. Contra esta esplenopatia (i.e., mal relacionado ao baço), entre outras receitas, Sammonico sugere um linimento que inclui baço de cabrito.²¹ Por fim, o vate afiança:

¹⁹ Ibid, 2: 198-199.

²⁰ Vide Plínio, III: 556-7 (Livro IX, §198); e Richard Broxton Onians, *The Origins of European Thought about the Body, the Mind, the Soul, the World, Time, and Fate: New Interpretations of Greek, Roman and Kindred Evidence Also of some Basic Jewish and Christian Beliefs* (Cambridge: Cambridge University Press, 1994), 35-42, 44; 505-6. Com efeito, Celso relata que “abaixo do coração e do pulmão há uma divisão transversal [constituída] de uma forte membrana que separa o ventre da *praecordia*”. Isto ocorre no Livro IV (§1, 4) do *De medicina*, trad. W. G. Spencer (Londres: William Heinemann; Cambridge [MA]: Harvard University Press, 1971-1994), I: 356-7.

²¹ Sammonico, *La medicina in Roma antica: Il Liber medicinalis di Quinto Sereno Sammonico*, ed. e trad. Cesare Ruffato (Torino: UTET, 1996), 64-6. Na sua introdução a essa obra, 7-17, Ruffato informa não ser certo que Sammonico tivesse professado a medicina. Ao que parece, este era um intelectual, versado especialmente em pensadores latinos, como o comediógrafo Plauto (c. 254-184 a.E.C.), Lucrécio (c. 99-55 a.E.C.), Virgílio (70-19 a.E.C.), Horácio (65-8 a.E.C.) e Ovídio (43 a.E.C.-17).

“[...] Plauto afirma que doces
são ineficazes para um baço grande.
O inchaço do baço é danoso e induz
um riso inepto que me parece evocar
aquele provocado pela erva sardônica,
que combina júbilo desordenado a destinos
funestos. Diz-se que a retirada do baço
elimina a gargalhada e compõe
para o resto dos dias um semblante severo.”²²

Como ocorre em Pérsio e Plínio, Sammonico também associa baço inchado a riso dissoluto e supõe que a excisão dessa víscera priva o ser humano de rir. O mesmo não se repete em Celso, compilador que passou despercebido por Walter Pagel em seu exaustivo levantamento histórico das concepções sobre essa víscera, com vistas a precisar a excepcional primazia que o baço teve na medicina do filósofo químico Jan Baptista van Helmont (1579-1644).²³

À semelhança de Sammonico, Celso atém-se sobretudo ao tratamento da megalosplenia, no Livro IV (§16, 1-4) de seu tratado *De Medicina*. Para “extrair humor do baço”, contraindica doces e recomenda alimentos ácidos, alguns vegetais, bem como baço de boi.²⁴ Curiosamente, Celso não menciona casos de esplenectomia. Pelo contrário, numa passagem no Livro V (§26, D3) do *De medicina*, sustenta que “dificilmente há recuperação quando [...] o pulmão ou a parte espessa do fígado ou a membrana recobrando o cérebro, ou o baço [...] for ferido em alguma parte”. Por sinal, o mesmo se aplica ao útero, à bexiga, a qualquer um dos intestinos ou ao diafragma. Mais adiante (§26, 12), o polígrafo repara que, “quando o baço é perfurado,” entre outras decorrências, advém muita sede e “sangue negro flui do lado esquerdo”.²⁵ A última observação, aliada ao fato de não haver menção à prática de esplenectomia, traz à mente especulações de que o *De medicina* seria uma adaptação de um texto grego.²⁶ Isto porque a ideia de que o baço, por conter sangue escuro, seria um órgão purgador subserviente ao fígado medrou na fisiologia grega, conforme será visto a seguir.

Tal função já ocorre em Platão (c. 428-c. 348 a.E.C.). No *Timeu* (§72C), o filósofo advoga ser o baço um acessório do fígado, tal como competia aos pulmões assistir ao

²² Sammonico, 67. Para a tradução dos versos supracitados (§425-430), contou-se com a colaboração de Aldo Barbieri. Adicionalmente, para fugir do jargão médico hodierno empregado pelo tradutor, recorreu-se à versão latina acompanhando a edição bilíngue usada aqui. Essa versão revela que, para evitar repetição, Sammonico emprega alternadamente *lien*, *-enis* e *splen*, *splenis* para baço. Informações adicionais sobre a “erva sardônica” associada ao epíteto “riso sardônico” encontram-se em Vera C. Machline, “The Legend behind the Epithet ‘Sardonic Laugh’,” in *2000 ans de Rire: Permanence et Modernité: Colloque International Grelis-LASELD/CORHUM Besançon 29-30 Juin, 1^{er} Juillet 2000*, org. Mongi Madini (Besançon: Presses Universitaires Franc-Comtoises, 2002), 77-86.

²³ Walter Pagel, *The Smiling Spleen: Paracelsianism in Storm and Stress* (Basel: S. Karger, 1984), 134-7. Evidentemente, este levantamento foi fundamental na confecção deste artigo.

²⁴ Celso, 1: 414-9.

²⁵ *Ibid*, 2: 68-9 ; 72-3.

²⁶ *Ibid*, I: vii-x, W. H. S. Jones alude a tais especulações em sua introdução.

coração. Segundo esse diálogo platônico, a estrutura do baço e a posição deste à esquerda têm por finalidade manter o fígado sempre limpo e radiante, como um pano sempre à mão para limpar um espelho. Quando desarranjos no corpo ocasionam impurezas na região do fígado, estas são purgadas e absorvidas pelo baço. Por conseguinte, quando repleto de matéria impura, o baço fica inchado e conspurcado, mas volta a seu estado normal depois que o organismo é purgado.²⁷

Em comparação, no tratado aristotélico *Sobre as Partes dos Animais* (§669^b 27-28, 670^a 20-21 e 670^b 5-9) sustenta-se: “nos animais que necessariamente têm um baço, este [...] pode ser considerado um tipo de fígado bastardo”. Adicionalmente, o “fígado e o baço assistem [...] na concocção do alimento [...] porque ambos são de caráter quente, devido ao sangue que [os dois] contêm”. Mais especificamente, “o baço atrai os humores residuais do estômago e, por causa de seu caráter sanguinolento, é capaz de assistir à concocção [desses humores]”. Ainda, ecoando a inquietação no *Timeu* com a megalosplenía, no tratado aristotélico em tela afirma-se que, “quando o baço é afetado por [uma] desordem, o abdômen fica duro por conta do refluxo de fluido em seu interior”.²⁸

Quem primeiro atribuiu ao baço a função de purgar bile negra de sangue grosso e venoso foi Galeno de Pérgamo (129-c. 210), no Livro II (§134) do texto *Sobre as Faculdades Naturais*.²⁹ Tal ofício é estabelecido por Galeno (§132-133) após ele insistentemente criticar o anatomista e médico alexandrino Erasistrato de Chios (*fl.* c. 250 a.E.C.) por desconsiderar os quatro humores que Galeno alçou a cardinais, propostos no tratado hipocrático *Sobre a Natureza do Homem*, e por sustentar “que uma natureza artística teria gerado um órgão tão grande [quanto o baço] para [não ter] nenhuma finalidade.”³⁰

Em sua segunda admoestação, Galeno invoca a doutrina aristotélica de que “a natureza não faz nada em vão”. Muito recorrente em Galeno, este tema, de acordo com Owsei Temkin, está melhor desenvolvido no tratado *Sobre o Uso das Partes*, por ser lá onde o conhecimento anatômico obtido com a dissecação de animais é usado para

²⁷ Plato, “Timaeus,” in *The Dialogues of Plato*, trad. Benjamin Jowett (Chicago: Encyclopædia Britannica, 1978), 442-77; e *Plato's Cosmology: The Timaeus of Plato*, trad. Francis M. Cornford (Indianapolis: Hackett, 1997), 289-90.

²⁸ Aristotle, 198-9. Tem-se um apanhado das visões hipocrática, platônica e aristotélica sobre o baço em Andrew Wear, “The Spleen in Renaissance Anatomy,” *Medical History* 21, nº 1 (jan. 1977): 43-60.

²⁹ Galen, *On the Natural Faculties*, trad. A. J. Brock (London: William Heinemann; Cambridge [MA]: Harvard University Press, 1963), 208-9.

³⁰ *Ibid*, 204-7. Em 142-3 (§91), Galeno também critica a opinião de Erasítrato com respeito ao baço não ter finalidade. Conforme Petroianu, 4, Erasítrato considerava que “a única função do baço, órgão [em princípio] desnecessário à vida,” seria “contrabalançar o fígado, para que as pessoas não [se] encurvassem para a direita”. Petroianu aventa que semelhante juízo faria sentido no caso de esplenomegalia. Nesta circunstância, o baço (normalmente pesando ao redor de 150 gramas) contrapesaria o fígado, a maior víscera do corpo. Por último, tem-se uma versão brasileira do tratado hipocrático supracitado, hoje atribuído a Pólipo (século IV a.E.C.), em “Da Natureza do Homem: *Corpus hippocraticum*,” trad. Henrique Cairus, *História Ciências Saúde – Manguinhos* 6, nº 2 (jul.-out. 1999): 400-29.

“provar que todas as partes do corpo humano são construídas da melhor maneira possível para servir suas funções humanas”³¹.

Em *Sobre o Uso das Partes*, Galeno se reporta ao baço diversas vezes. Seu objetivo principal é detalhar o papel do baço na digestão. No Livro IV (§I, 232-233 e 235), ele explica que o baço usa principalmente “as muitas artérias grandes estendendo-se por toda [ess]a víscera, que a natureza não lhe atribuiu em vão ou por acidente, mas para que [...] os humores grossos [provindos] do fígado [...] possam ser elaborados, dissolvidos, alterados e transformados”. Dado que os humores que não se transformam em alimento apropriado para o baço são enviados para o estômago, “o fígado é nutrido por sangue grosso e vermelho, [enquanto] o baço, por sangue fino que contudo é escuro”. No Livro V (§I, 265), Galeno esclarece que a bile negra devolvida pelo baço para o estômago, por ser “adstringente e ácida”, compele o estômago a se contrair e a reter o alimento até sua completa cocção.³²

Em suma, as tradições latina e grega sobre o baço são muito diferentes, enquanto que a judaica (por motivos que não cabem ser aprofundados aqui) afigura-se a meio-termo entre as duas. Não obstante, essas três vertentes (e outras mais) já se encontram misturadas nas *Etymologiae* do santo e polígrafo Isidoro de Sevilha (c. 560-636). Com efeito, no Livro XI, que versa sobre homens e monstros, Isidoro (§127) explica que o baço “serve como um suplemento na parte oposta ao fígado, para que o espaço não fique vazio”. A esta observação, Isidoro acrescenta haver alguns supondo que esse órgão “foi feito como uma fonte para o riso,” uma vez que “rimos com o baço, nos iramos com a bile, compreendemos com o coração e amamos com o fígado”.³³

A julgar pelo levantamento histórico de Pagel, pelo medievo adentro, continuou-se a combinar antigas concepções sobre o baço. Um resultado dessa fusão foi que o riso passa a ser considerado um efeito secundário da purgação sanguínea realizada pelo baço. Um bom exemplo é o célebre anatomista Andreas Vesálio (1514-1564). Segundo Pagel, na primeira edição de seu *De humani corporis fabrica* (Livro V, Capítulo 9), o anatomista atribui “a função eminentemente absorvente do baço” à “sua rica dotação de vasos”. Vesálio chega a perguntar-se se isso “pode explicar a crença popular de que [o baço] seria o ‘autor do riso’”, haja vista que, por atrair “sangue grosso, feculento e sórdido”, essa víscera “torna o resto do sangue mais ágil, como se fosse alegrado”.³⁴

³¹ Owsei Temkin, *Galenism: Galenism. Rise and Decline of a Medical Philosophy* (Ithaca: Cornell University Press, 1974), 25. Informações suplementares a respeito dessa doutrina encontram-se em 41 e 190.

³² Galen, *On the Usefulness of the Parts of the Body*, trad. Margaret T. May (Ithaca: Cornell University Press, 1968), I: 231-2, 234; 255. Vide também Wear, 44-7.

³³ Isidoro de Sevilha, “Isidore of Seville: The Medical Writings”, trad., intr. e notas William D. Sharpe, *Transactions of the American Philosophical Society* 54 (New Series, Part 2, abr. 1964): 1-75, em 47. Em 55-56, praticamente no início do Livro IV (§5, 1-5), que trata de medicina, Isidoro descreve os quatro humores cardinais. No entanto, ele não traça nenhuma associação entre a bile negra e o baço.

³⁴ Pagel, 136; 194.

Outro caso exemplar que escapou a Pagel é o professor de anatomia em Bolonha, Jacopo Berengario da Carpi (c. 1460-1530). Em suas *Isagogae breves*, originalmente publicadas em 1522, da Carpi relata que o baço assiste a “todo o corpo porque purga a massa sanguinolenta dos excrementos e, por conseguinte, provoca o riso”. Às vezes, o baço “produz sangue, estimula o apetite, assiste a digestão do estômago, e sofre toda sorte de enfermidades”. Ecoando Plínio, da Carpi acrescenta ocasionalmente haver neste órgão um impedimento peculiar para movimento violento. Da Carpi também comenta dizer-se que, quando o baço “é removido por [causa de] um ferimento, os animais às vezes sobrevivem”. Por último, da Carpi menciona (muito confusamente) que certos autores supõem “que o riso é removido pela [...] magnitude [do baço?]”. Ainda, às vezes, o baço “troca de lugar com o fígado: mas isto seria um caso não natural” (i.e., anormal ou mórbido).³⁵

No entender de Pagel, a antiga fisiologia grega rebaixou o baço “à desonrosa inferioridade da lata de lixo”.³⁶ O mesmo se aplica ao galenismo, que – a par da teoria humoral – foi contestado por Paracelso (1493-1541) e muitos de seus seguidores. Dentre os últimos, van Helmont em particular deu ao baço uma supremacia raramente vista antes. Pagel explica que, na medicina helmontiana, o baço – em conjunto com o estômago – entrona o *archeus*, ou seja, o princípio vital do organismo. Subvertendo um importante dogma galênico, van Helmont sustenta estar no altamente vascularizado baço a *rete mirabile*, i.e., a “miraculosa rede de vasos” que Galeno situou na base do cérebro humano para advogar a superioridade da mente sobre os demais órgãos. Dessa forma, van Helmont logra reivindicar para o baço a autoridade que Galeno atribuíra à mente.³⁷

Consoante Van Helmont e outros defensores da “digestão ácida”, o estômago recebe ácido do baço. Para van Helmont, o ácido produzido no baço assoma a um “fermento” vital altamente espiritualizado, que se combina com o ácido gerado na parede do estômago. Portanto, o verdadeiro agente digestivo seria esse ácido lienal, enquanto que para Galeno tal agente era o calor, assistido pela bile negra no baço. Malgrado a contraproposta de van Helmont para as funções do baço, este continua

³⁵ Jacobo Berengario da Carpi, *A Short Introduction to Anatomy (Isagogae breves)*, trad. L. R. Lind (Chicago: The University of Chicago Press, 1959; reimp. New York: Kraus Reprint, 1969), 58-9. Wear, 46, nota 23, sugere ser árabe a ideia de resíduos lienais estimularem o apetite; ainda, em 47-53, Wear analisa as visões de Vesálio e da Carpi acerca do baço. A derradeira observação de Berengario da Carpi poderia ser uma alusão à anomalia conhecida como “baço móvel ou ectópico”, decorrente da fraqueza dos ligamentos fixando essa víscera. Um breve apanhado histórico sobre o conhecimento dessa anomalia encontra-se em Anita Magowska, “Wandering Spleen: A Medical Enigma, Its Natural History and Rationalization,” *World Journal of Surgery* 37, nº 3 (mar. 2013): 545-50. Ainda, sobre “baço móvel” e demais anomalias, vide Edson S. Tatsuo, & Clécio Piçarro “Malformações Congênitas,” in *O Baço*, ed. Andy Petroianu (São Paulo: CLR Balieiro, 2003), 103-6.

³⁶ Como visto anteriormente, verifica-se algo similar com respeito ao ventre, no *Tratado Avoth DeRabbi Nathan* (31:3).

³⁷ Pagel, 137-8. Em 136, tem-se um resumo da visão de Paracelso sobre o baço, incluindo a ideia de que chorar ocasiona constipação do baço. Sobre a *rete mirabile*, vide Galen, *On the Usefulness*, 1: 430-2 (Livro III, §10-13).

sediando o riso, dado ser nessa víscera que, por intermédio do *archeus*, o ser humano recebe com exclusividade a graça divina do riso. Em outras palavras, foi sob uma perspectiva teosófica que van Helmont perpetua o adágio latino *splen ridere facit*.³⁸ O mesmo se aplica ao milenar lugar-comum, caro a diversos humanistas renascentistas, “rir é o próprio do homem”, cunhado pelo filósofo neoplatônico Porfírio (c. 233-c. 304).³⁹

Vinda a público em 1628, a comprovação por William Harvey (1578-1657) da circulação do sangue nos animais ocasionou, ainda no século XVII, algumas mudanças significativas nos rumos da história da medicina. Entre outras, segundo assinalado por Audrey B. Davis e Charles Webster, despertou um renovado interesse na anatomia comparada, assim como no papel do baço na circulação sanguínea. Uma herança disso são as concepções sobre essa víscera de Richard Blackmore (c. 1653-1728) (Figura 1), que foi médico ordinário do rei da Inglaterra e da Irlanda William III (1650-1702), bem como de sua consorte, Mary II (1662-1694).⁴⁰

³⁸ Apud Pagel, 137-9; 142. Em 138-9, Pagel menciona pensadores anteriores a van Helmont que igualmente sustentaram a supremacia do baço. Para informações adicionais sobre o *archeus* helmontiano, vide Walter Pagel, *Joan Baptista Van Helmont: Reformer of Science and Medicine* (Cambridge: Cambridge University Press, 1982), 96-101. O adágio latino mencionado acima pertence ao seguinte conjunto de versos: *Cor sapit, pulmo loquitur, fel commovet iram, //Splen ridere facit, cogit amare jecor* (em português, “o coração guarda a sabedoria, o pulmão é o órgão da palavra, a bÍlis provoca a ira, o baço faz rir, o fÍgado obriga a amar”). Estes versos, que se assemelham à máxima citada por Isidoro de Sevilha, encontram-se em algumas versões do poema didático composto em hexâmetros associado à Escola de Salerno, conhecido como *Regimen sanitatis Salernitatum*, *Flos medicinae*, ou *Lillium medicinae*. Uma dessas versões é: “Flos medicinae Scholae Salerni”, in *Collectio Salernitana*, ed. S. De Renzi (Nápoles: D’Auria Editore, 2001), 1: 445-516. Tais versos podem ser conferidos em [http://www.uan.it/alim/letteratura.nsf/\(testIID\)/ED604D2150C227B7C125726400710466!opendocument](http://www.uan.it/alim/letteratura.nsf/(testIID)/ED604D2150C227B7C125726400710466!opendocument) (acessado em 3 de ago. 2013).

³⁹ Para detalhes suplementares sobre o lugar-comum supracitado, vide Carlos A. R. do Nascimento, “Rir é o Próprio do Homem,” *Trans/Form/Ação* 21-22 (1998-1999): 27-32.

⁴⁰ Audrey B. Davis, *Circulation Physiology and Medical Chemistry in England 1650-1680* (Lawrence: Coronado Press, 1973), 16, 21; 94; e Webster, 163. Por fim, Thomas N. Toomey, “Sir Richard Blackmore, M.D. (1653-1729): An Account of his Life and Writings drawn from original records not known to his earlier biographers,” *Annals of Medical History* 4, nº 2 (Summer 1922): 180-8.

Figura 1. Retrato de Richard Blackmore.⁴¹

Um escritor prolífico tanto em verso quanto em prosa, Blackmore ampliou suas ideias acerca do baço durante doze anos. A princípio, ele compôs quatro breves textos a respeito no efêmero periódico *Lay-Monk*, que circulou entre novembro 1713 e fevereiro de 1714. Em meio a outros artigos, esses quatro textos foram disponibilizados em *The Lay-Monastery: Consisting of Essays, Discourses, &c. Publish'd singly under the Title of The Lay-Monk*, publicação esta que foi reimpressa duas vezes em 1714. Logo mais, entre 1716 e 1717, para os *Essays upon Several Subjects*, a compreender dois volumes, Blackmore redigiu o extenso *An Essay upon the Spleen*, incluído como apêndice no livro *A Treatise of the Spleen and Vapours*, (Figura 2) originalmente saído do prelo em 1725, e relançado novamente no ano seguinte. Neste meio tempo, também em 1725, Blackmore publicou sua derradeira composição a respeito do baço: *A Critical Dissertation upon the Spleen*.⁴² Desse conjunto de escritos, aqui será focado a primeira parte do tripartido *An Essay upon the Spleen*, (Figura 3) posto ser aí onde Blackmore expõe pormenorizadamente suas concepções sobre o baço.

⁴¹ Samuel Johnson, *Lives of the Most Eminent English Poets* (London: C. Bathurst et al., 1781).

⁴² Albert Rosenberg, *Sir Richard Blackmore: A Poet and Physician of the Augustan Age* (Lincoln: University of Nebraska Press, 1953), 153-5 ;163. De acordo com Rosenberg, 164, o subtítulo da “dissertação crítica” de Blackmore reza: *So far as concerns the Following Questions; Whether the Spleen is necessary or useful to the Animal possess'd of it?*

Figura 2. Frontispício de *A Treatise of the Spleen and Vapours*, de Richard Blackmore.

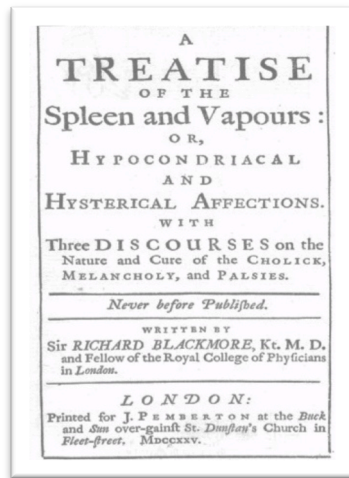
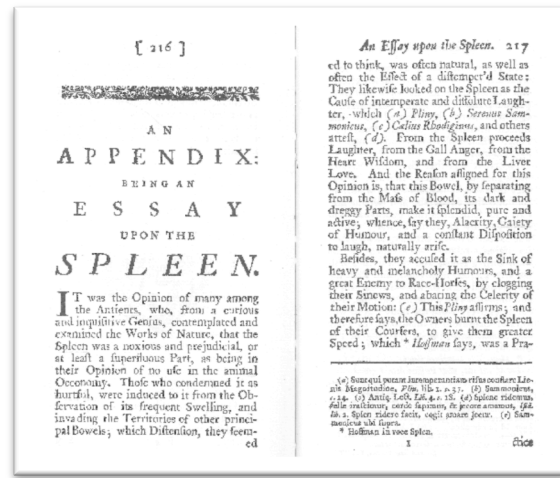


Figura 3. As duas páginas iniciais do ensaio aqui em foco.



De saída, Blackmore sustenta em seu ensaio que, na “Opinião de muitos [...] Antigos”, o baço seria “uma Parte nociva e prejudicial, ou ao menos supérflua [...] na Economia animal”.⁴³ Ademais, fora considerado “a Causa do Riso imoderado e dissoluto”. Com respeito a esta atribuição, Blackmore convoca Plínio, Sammonico e Cælius Rhodiginus – outro nome do professor de retórica em Vicenza Ludovico Ricchieri (1450-1525), autor das *Lectionum antiquarum*, aludidas por nosso autor numa nota de rodapé. Em seguida, Blackmore cita a máxima mencionada por Isidoro de Sevilha atribuindo o riso ao baço, a ira à vesícula biliar, a sabedoria ao coração, e o amor ao fígado. Em ato contínuo, nosso autor explica que a antiga opinião de o baço provocar riso intemperado se devia à suposição de que “esta Viscera, por separar da Massa do Sangue, suas Partes escuras e residuais”, tornaria o sangue “esplêndido, puro e ativo”. E isto ocasionaria “Alacridade, Alegria [...] e uma constante Disposição para rir”.⁴⁴

No próximo parágrafo, Blackmore trata de outra antiga acusação contra o baço, a saber: esta víscera seria um “Reservatório de abundantes Humores melancólicos, e um grande Inimigo de Cavalos de Corrida”, por obstruir-lhes a musculatura e reduzir a celeridade de seus movimentos. Desta feita, Blackmore invoca Plínio e Hoffman. O último talvez seja Johann Moritz Hoffman (1653-1727), que, segundo Blackmore, complementa Plínio por relatar que a cauterização do baço de cavalos e cavaleiros para

⁴³ Neste trecho, “economia animal” parece designar o equilíbrio entre os diversos e mutuamente dependentes processos fisiológicos nos organismos animais.

⁴⁴ Blackmore, “An Appendix: being An Essay upon the Spleen,” in *A Treatise of the Spleen and Vapours: or, Hypochondriacal and Hysterical Affections: With Three Discourses on the Nature and Cure of the Cholick, Melancholy, and Palsies* (Londres: J. Pemberton, 1725; reimp. Doddington: Doddington Press, [s.d.]), 216-84, em 216-7. Sobre a querela entre os “antigos” e os “modernos”, continua modelar o estudo de Richard F. Jones, *Ancients and Moderns: A Study of the Rise of the Scientific Movement in Seventeenth-Century England* (New York: Dover, 1982), a começar por 3-21.

imprimir-lhes maior velocidade também seria uma “prática entre os *Judeus*”. Em seguida, Blackmore lembra que os mesmos embaraços também ocorrem nos seres humanos, a julgar por Plínio, cujas informações são confirmadas por Plauto.⁴⁵

Numa nota de rodapé, Blackmore se reporta a duas passagens provenientes de Plauto. A primeira, presente na comédia *O Mercador*, diz respeito ao escravo Acanthio, que reclama precisar parar de correr dado seu baço estar rebelado, oprimir-lhe o peito e tirar seu fôlego. A segunda, a constar em *Curculio*, está relacionada às lamúrias do alcoviteiro Cappadox, cujas suas forças diminuem à medida que sua dor aumenta, visto seu baço parecer um cinturão apertando-lhe o ventre. Em outras palavras, Plauto traz exemplos do “impedimento” do baço mencionado por Plínio e da Carpi. A propósito, conforme Onians, tal impedimento seria a bem conhecida “pontada” que, especialmente na adolescência, se sente ao correr.⁴⁶

A seguir, Blackmore relata que, para combater os efeitos nocivos do baço, antigamente, recorria-se a medicamentos tomados internamente. Outras vezes, optava-se por “destruí-lo por [...] Cauterização”, ou retirá-lo integralmente, segundo descrito no Livro 6 das *Epitomae mediciae* do cirurgião e médico alexandrino Paulo de Égina (c. 625-c. 690). Blackmore lembra que essa informação também fora previamente “mencionada por Plínio e Sammonico”, mercê notícias de segunda mão.⁴⁷

Após considerar a opinião dos estoicos, que por privilegiarem a apatia reputavam o baço “uma Produção inútil, ou melhor, um Erro danoso da Natureza”, Blackmore muda de assunto. Agora, ele se volta para “os Antigos que atribuíram alguma Utilidade ou Causa final a essa Parte”. Como seria de esperar, semelhante perspectiva diz respeito a pensadores helênicos. No dizer de Blackmore, “da Observação de sua Cor e sua Magnitude, assim como de sua Contextura mole”, filósofos gregos concluíram que essa víscera fora projetada “para atrair e absorver, como uma Esponja, as Impurezas espessas e adustas do Sangue”. Uma vez purgado e refinado, o sangue fica pronto para atender ao fígado, onde então o sangue se apresentaria “puro, radiante e animado”. Blackmore assinala que Aristóteles julgou que “o Baço [seria] apenas acidentalmente necessário”, e atribuiu-lhe a função de absorver “os Vapores escuros e grosseiros que provêm da Bexiga e dos Intestinos”, com vistas a assegurar-lhes “um grau maior de Concoção”. No entender de Blackmore, essa concepção ilustra quão “inábil” como “Filósofo em Anatomia” e tão pouco familiarizado “com a Economia da Natureza” provou ser Aristóteles.⁴⁸

⁴⁵ Blackmore, 217-8. Os itálicos e as maiúsculas nas passagens citadas são de Blackmore. Moritz Hoffman teria asseverado não haver alteração no apetite de animais esplenectomizados, de acordo com Pagel, *Smiling Spleen*, 141;196, nota 232.

⁴⁶ Blackmore, 218. Para detalhes suplementares, vide Plauto, [Comédias], trad. P. Nixon (London: William Heinemann; Cambridge [MA]: Harvard University Press, 1995-1988), III: 14-5, no caso de “Mercator” (§124-126); 2: 212-3, para “Curculio” (§219-220). Vide também Onians, 41, incluindo nota 7.

⁴⁷ Blackmore, 218-9.

⁴⁸ *Ibid*, 219-20.

No parágrafo seguinte, Blackmore advoga que “Médicos e Anatomistas modernos” constatarem ser o baço “uma Parte integral [...] entre os Animais das Espécies mais perfeitas, à exceção dos Pássaros”. Adicionalmente, considerando “que a Natureza não faz nada impertinente e em vão”, e que o baço é uma víscera de considerável representatividade “na Composição do Corpo,” essa parte “deve estar destinada a algum Serviço”.⁴⁹

Logo mais, com base no anatomista Marcello Malpighi (1628-1694) e no médico John Purcell (c. 1674-1730), nosso autor descarta “a Tarefa [do baço] de dividir da Massa do Sangue os Sucos residuais”, assim como a suposição de essa víscera “acalentar o Estômago com a Aplicação quente e confortável de sua Substância”.⁵⁰

Sem delongas, Blackmore detém-se na hipótese do estudioso do sistema nervoso Thomas Willis (1621-1675), que, como demais pensadores seiscentistas, buscou adaptar a medicina helmontiana à nova conjuntura fisiológica ditada pela circulação sanguínea. Segundo Blackmore, que desta vez não especifica as fontes usadas, Willis propusera que “as Partes mais grossas e pesadas” do sangue são depositadas no baço, onde, “fora da Rota da Circulação”, permanecem intactas até contraírem “tamanha Acidez,” que se tornam “um Fermento”. Quando reencaminhado “para o Sangue pelas Veias, e aos Espíritos animais pelos Nervos,” esse fermento lienal “agita e purifica o primeiro” e “estimula, refina e exalta os segundos”. Blackmore rejeita a “engenhosa Hipótese” de Willis, posto ele não indicar os vasos pelos quais os “pesados Humores melancólicos são separados do Sangue”, tampouco designar “uma Cisterna comum onde ficariam alojados” ou mesmo sugerir “os Canais pelos quais seriam reconduzidos ao Sangue e aos Nervos”.⁵¹

Sem fornecer um nome em particular, Blackmore afirma que alguns anatomistas supõem que o baço “foi formado pela Natureza para deter o Movimento do Sangue e moderar sua Velocidade” ao entrar no fígado. Esta conjectura serve de trampolim para nosso autor apresentar sua própria proposta: o baço existiria principalmente para promover “a Propagação da Espécie”. Para sustentar sua hipótese,

⁴⁹ Ibid, 220. Num estudo anterior, verificou-se que o médico e antiquário William Stukeley (1687-1757), em seu livro *Of the Spleen, its Description and History, Uses and Diseases*, publicado em 1723, valeu-se de argumentos semelhantes aos de Blackmore. Por exemplo, Stukeley julga comprovarem “a eminência e a dignidade do baço [...] sua primorosa estrutura”. Diferentemente de Blackmore, a essas considerações, Stukeley acrescentara “a segurança da [...] residência” do baço. Para detalhes adicionais, vide Vera C. Machline, “A Proposta Heteróclita de William Stukeley para a Diversificada Função do Baço,” in *Filosofia e História da Ciência no Cone Sul. Seleção de Trabalhos do 5º Encontro*, ed. Roberto de A. Martins et al. (Campinas: Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul, 2008): 437-45.

⁵⁰ Blackmore, 220-2; em 222, numa nota de rodapé, nosso autor alude ao *A Treatise of the Cholick*, de Purcell, e possivelmente às *Exercitationes de viscerum, nominatum pulmorum, hepatitis, cerebris corticis, rerum, lienis, structura*, de Malpighi.

⁵¹ Ibid, 222-4. Para detalhes suplementares sobre Willis, incluindo suas ideias sobre o baço, vide Davis, 14-30; 81-90.

Blackmore alude a esplenectomias experimentais realizadas naqueles tempos, comprovando que o baço é “desnecessário para a Conservação do Indivíduo”.⁵²

Isto posto, nosso autor cogita ser difícil imaginar que “uma Víscera de tamanha Distinção”, “Magnitude”, e “artística Composição”, além de “dotada de tantos numerosos Vasos”, poderia não ter nenhuma relação com “a Preservação do Animal”. E como cumpre admitir-se que o baço foi “formado para algum Propósito, que Fim” poderia ser, além de destinar-se à “Continuação das Espécies”? Blackmore observa que “as outras Partes do Animal [...] feitas para a Propagação das Espécies [...] podem ser inteiramente removidas ou destruídas, sem destruir-se o Ser ou a Saúde do Indivíduo”. Portanto, “é razoável concluir que, quando uma Parte considerável [...] do Corpo, como o Baço [...], pode ser inteiramente dispensada,” e “o Animal tem pequeno ou nenhum Dano com sua remoção,” essa “Parte deve ter sido projetada para algum outro uso” e que outro fim “pode ser sugerido que a multiplicação dos Indivíduos”.⁵³

Blackmore é o primeiro a reconhecer que sua proposta, inferida por paridade com os órgãos reprodutores, carece de comprovação anatômica. Após ponderar que “o Autor Divino [...] concede à Humanidade por etapas o Conhecimento de suas obras”, Blackmore aventa que o baço “contribui para Conservação da Espécie [...] obstruindo o Fluxo de Sangue, e moderando a Celeridade de seu Movimento”. Do contrário, o sangue “poderia se precipitar nas Partes subservientes à Procriação com grande Violência e Abundância”, o que resultaria no desperdício de “uma maior Quantidade dos Fluídos prolíficos do que a Economia da Natureza regularmente demanda”. Nosso autor considera irrelevante que “a Corrente de Sangue provindo do Baço está à grande Distância dos Repositórios desses Fluidos”. Isto porque “se a *Rêmora*, que controla a Rapidez imoderada do Sangue” encontra-se distante, o efeito é o mesmo “se ela estiver fixada bem mais próxima daqueles Receptáculos”. Em outras palavras, “ela iria igualmente diminuir a Velocidade do [...] Movimento [sanguíneo] antes que ele fluísse para aquelas Partes, do mesmo modo como uma Barragem a Milhas de Distância [...] retarda o Curso de um pequeno Riacho”.⁵⁴

Lançando mão de novos argumentos para sustentar sua proposta para a função do baço, Blackmore relata que “a Circulação do Sangue através dessa Víscera deve ser oitenta vezes mais lenta do que era na sua Entrada,” em conformidade com “as Leis da *Hidrostática*”. Evidentemente, ao sair do baço, o sangue “recupera sua prévia Rapidez”.

⁵² Blackmore, 224-5. Têm-se informações sobre as primeiras esplenectomias realizadas em animais e seres humanos entre os séculos XVI e XVIII em Morgenstern, 4-6; Webster, 159-62; e Harold Ellis, ed., *Clio Chirúrgica: The Spleen* (Austin: Silvergirl, 1988), 5-16.

⁵³ Blackmore, 225-6.

⁵⁴ *Ibid*, 226-8. Em inglês, *rêmora* também significa embaraço, obstáculo, impedimento e obstrução – afora designar diversos peixes dotados de um disco cefálico com o qual se fixam a outros peixes, tartarugas, golfinhos, baleias, barcos e objetos flutuantes. Conforme Carey Miller, *A Dictionary of Monsters and Mysterious Beasts* (London: Pan Books, 1987), 110-1, outrora, acreditava-se que *rêmoras* eram capazes de deter barcos – a exemplo da que reteve o navio de Marco Antonio (83-30 a.E.C.) na Batalha de Actium, ocorrida em 31 a.E.C. Portanto, Blackmore está usando a palavra “*rêmora*” no sentido de uma válvula que diminui o fluxo sanguíneo.

Ainda assim, “ele entra no Fígado oito vezes mais lentamente do que quando primeiro desaguou no Baço”. Blackmore informa que essas observações foram-lhe comunicadas “pelo eminente Anatomista e hábil Cirurgião Senhor Chisleden” (infelizmente, um nome ainda desconhecido dos anais da história da medicina).⁵⁵

Outrossim, Blackmore recorre à “Observação do erudito Dr. Purcell, que assegura [...] em [seu] *Treatise of the Cholick*” ter constatado que cães se mostram mais propensos a impulsos venéreos após a excisão do baço. Tal observação leva nosso autor a sugerir que o baço agiria como uma rêmora. Contudo, quando essa víscera é menor do que o usual, ela seria incapaz de retardar o afluxo de sangue nos órgãos reprodutores. Esta possibilidade, por sua vez, poderia explicar porque “algumas Pessoas [...] são [mais] lascivas” do que outras. Logo mais, Blackmore conclui sua exposição afirmando que o baço se destina à “Continuação das Espécies”, do contrário, “não tem nenhuma finalidade, “pelo menos [...] de alguma Importância, em proporção a seu Tamanho e Estrutura”.⁵⁶

Nas duas partes subsequentes de seu ensaio, Blackmore discute assuntos em voga no primeiro quartel do século XVIII, a saber: a possibilidade de o baço ser o responsável por afecções hipocondríacas e histéricas, bem como a influência dessa víscera (a par da condição melancólica denominada esplím) na diversidade de caracteres humanos. Com respeito a ideias antigas acerca do baço, nosso autor eventualmente descarta a longeva concepção de essa víscera sediar o riso.⁵⁷ Ademais, lança dúvidas sobre a igualmente milenar opinião de que o baço seria “um Erro danoso da Natureza” à medida que propõe uma função importante para essa víscera. Por outro lado, não contesta o impedimento mencionado nas comédias de Plauto, cujo papel em *An Essay upon the Spleen* foi o de reiterar as informações de Plínio sobre o motivo da possível realização no passado remoto de esplenectomias parciais ou mesmo totais.

⁵⁵ Blackmore, 229-30.

⁵⁶ *Ibid*, 230-2.

⁵⁷ Blackmore, “Of the Spleen and Vapours, &c.,” in *A Treatise of the Spleen and Vapours*, 12-13. Num estudo anterior, analisou-se as duas últimas partes do ensaio de Blackmore aqui em tela. Trata-se de Vera C. Machline, “A Proposta de Richard Blackmore para a Diversidade de Disposições Mentais dos Seres Humanos,” in *Anais da XIV Reunião da Rede de Intercâmbios para História e Epistemologia das Ciências Químicas e Biológicas*, org. Maria H. R. Beltran, & José L. Goldfarb (São Paulo: CESIMA, PUC-SP; Livraria da Física, 2004), 278-87.